

# Comerciantes iniciam limpeza no Centro Histórico

Com recuo do Guaíba, foi possível ver os prejuízos na Rua dos Andradas

/ CLIMA

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

Com o Guaíba recuando lentamente, já se vê no horizonte dos porto-alegrenses uma busca pela reconstrução da cidade. Na manhã de sábado, pela primeira vez depois de muitas semanas, diversos comerciantes foram até o Centro Histórico para fazer um primeiro levantamento dos prejuízos e realizar a primeira limpeza de seus estabelecimentos após a inundação.

Na Rua dos Andradas, bares, restaurantes e livrarias estavam com suas portas abertas. Porém, infelizmente, não era para o atendimento ao público. Nos locais, funcionários usavam rodos para a remoção da água e carregavam consigo sacos de lixo. Entre os responsáveis pelos estabelecimentos, havia uma unanimidade: as perdas são incontáveis.

## ■ Sebo Só Ler

Um dos mais tradicionais pon-

tos de compra, troca e venda de livros de Porto Alegre, o Sebo Só Ler possui futuro incerto. Por enquanto, a única garantia são os estragos causados pela cheia histórica do Guaíba.

Lá, por volta das 10h deste sábado, estava, sozinha e visivelmente abatida, a gerente Sabrina Nekel, que esperava uma funcionária para começar os trabalhos de limpeza. Nos próximos dias, o dono do estabelecimento virá para Porto Alegre para entender a magnitude da situação.

Segundo ela, essa foi a primeira vez que a loja estava acessível desde o início da inundação. O cenário era de destruição: livros rasgados caídos ao chão, prateleiras quebradas, lodo e um forte cheiro que agora assola todo o Centro Histórico da Capital.

## ■ Padaria e Confeitaria Roma

A manhã de sábado costumava ser um momento de grande movimento, mas, ao mesmo tempo, paz. Há um mês, o local estaria servindo café da manhã para

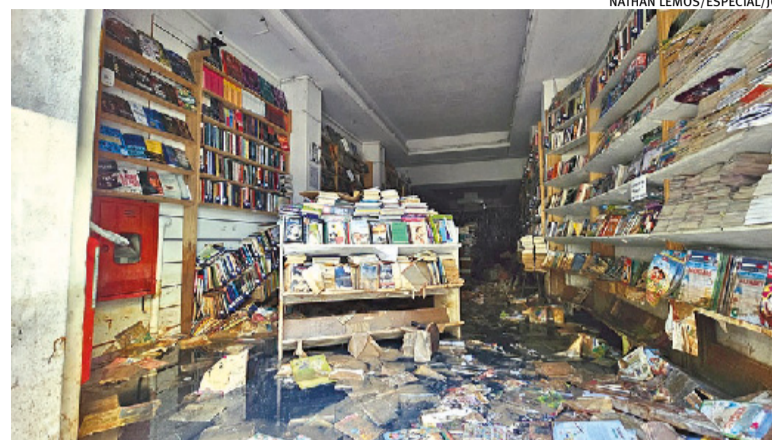
os porto-alegrenses que quisessem ir até o Centro. No dia 18 de maio, a realidade mostra funcionários com rodos e mangueiras tentando tirar os resquícios da cheia do Guaíba.

O atendente Wilson da Rosa afirma que a estimativa é de um prejuízo próximo aos R\$ 400 mil, já que a água subiu tanto que ultrapassou os balcões da padaria. “A situação está horrível. Está tudo sujo, perdemos muita coisa. Acredito que, ao longo das duas próximas semanas, limparemos a parte da frente e, posteriormente, os fundos da padaria, que ainda está sem luz”, lamenta.

## ■ D’Torres Restaurante e Bar

“O prejuízo é incalculável no momento”, afirma o proprietário do D’Torres Restaurante e Bar, Jairo Leal. Segundo ele, serão necessários dias de limpeza até que se tenha uma real dimensão dos danos que a inundação causou.

Além do alagamento, o restaurante ficou sem luz por cerca de 15 dias. Então, alguns alimentos que haviam sido deixados para trás



NATHAN LEMOS/ESPECIAL/JC

Proprietários são unânimes em afirmar que as perdas são incontáveis

também foram perdidos pela falta de refrigeração. “Retiramos o que pudemos, mas muitas coisas ficaram aqui, já que foi em cima da hora. Praticamente tudo que ficou dentro do restaurante está perdido”, destaca.

## ■ Refúgios Bar e Restaurante

Entre os locais visitados pela reportagem do Jornal do Comércio na Rua dos Andradas, o único que já pensa na reabertura é o Refúgios Bar e Restaurante. De acordo com o proprietário, Laucir Dalmouro, isto é necessário para diminuir o prejuízo financeiro.

“Já estávamos cambaleando desde a pandemia, agora é mais um baque. Esperamos que a luz volte nesta segunda-feira para reabrirmos. É difícil, mas vamos à luta. Precisamos trabalhar”, explica.

O local, por estar situado em um ponto mais alto da Andradas, foi menos afetado pela cheia. Na última quarta-feira, inclusive, já havia sido realizada uma limpeza inicial, antes do repique do Guaíba. Na manhã deste sábado, o piso estava limpo.

## ■ Zaffari

Na filial do Zaffari da Rua dos Andradas, a limpeza também estava em estágio avançado. Áreas do supermercado invadidas pela água, como o setor dos caixas, já estavam completamente limpos. A única sujeira aparente estava nas cadeiras, as quais os funcionários limpavam com mangueiras do lado externo do supermercado.

A reportagem tentou contato com o gerente do estabelecimento, mas, em meio à limpeza, ele não quis se manifestar.

## Moradores do Menino Deus começam a voltar para casa

Patrícia Comunello  
patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

“É um cenário de guerra”, resume a educadora física Jaceia Netz, moradora do bairro Menino Deus, um dos mais afetados pelas inundações em Porto Alegre. Jaceia retornou para casa no sábado. Nas calçadas, montanhas de mobiliário se avolumavam. Com a redução do nível do Guaíba, as pessoas tentam recompor suas vidas.

“É uma tristeza ver a vizi-

nhança toda com suas coisas na rua”, reage Jaceia, enquanto caminha pela calçada da rua Barão do Gravataí onde reside. Ela ficou mais de 10 dias no Litoral Norte, onde se refugiou depois de deixar o apartamento às pressas, no dia 6 de maio, com água pelo joelho.

“Estava há oito anos com meu consultório aqui. Era o sonho da minha vida”, conta a dentista Cristina Herve, após entrar no sobrado onde a água bateu em 1,70 metro.

A profissional vai enviar equi-

pamentos para assistência técnica para ver o que é possível recuperar, mas sem muita esperança. “Tudo é digital. Para remontar o que tinha aqui, são cerca de R\$ 500 mil”, dimensiona.

A zeladora Marilda Oliveira perdeu tudo. “Tudo fora. É terrível”, desabafa Marilda, enquanto varria o barro de dentro do edifício onde trabalha. Na calçada, estavam colchões, sofás, cadeiras, mesa, armários, pedaços do guarda-roupa e outros materiais que faziam parte do seu apartamento no térreo. Com salário de R\$ 1,9 mil, a zeladora ainda não sabe como vai comprar tudo de novo.

Ao retornar para os imóveis, os residentes começaram pela remoção de móveis e demais itens que não podem ser mais usados. Depois, a jornada foi a de lavar pisos e paredes, tomadas por uma lama difícil de remover.

Hanny Barcellos diz que perdeu a sala e a cozinha. Para ela, o alívio é ter casa. “Muita gente não tem mais teto. O jeito é trabalhar e torcer para que não tenha uma nova enchente.”

## Anac libera base aérea de Canoas para voos comerciais

A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) autorizou o uso da base aérea de Canoas (RS) para voos comerciais. A liberação ocorreu na sexta-feira, após reunião extraordinária da diretoria do órgão.

A pista de Canoas será usada para este fim como uma das alternativas ao fechamento do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, em decorrência da tragédia climática que assola o Rio Grande do Sul. O terminal servirá para operações civis, para transporte de passageiros e cargas enquanto perdurar o estado de calamidade pública no Estado.

Segundo o ministro Silvano Costa Filho (Portos e Aeroporto) disse em 9 de maio, a base aérea de Canoas terá a capacidade ampliada para cinco voos diários, chegando a 35 semanais. A responsabilidade das operações ficará a cargo da concessionária Fraport, que administra o Salgado Filho.

O governo articulou o uso da

base como uma das malhas aéreas emergenciais no Estado. O aeroporto de Porto Alegre transportava cerca de 100 mil passageiros semanalmente. A Anac suspendeu a venda de passagens aéreas para voos com origem e destino ao Salgado Filho por tempo indeterminado.

O plano anunciado por Costa Filho prevê a ampliação da capacidade de sete aeroportos regionais do interior do Rio Grande do Sul e dois de Santa Catarina para que até 20 mil passageiros sejam transportados por semana no período, com a abertura de 13 mil novos assentos. A previsão é que 116 voos comerciais sejam realizados semanalmente para o Rio Grande do Sul.

Além de Canoas, tiveram a capacidade ampliada os aeroportos de Caxias do Sul, Santo Ângelo, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana. A capacidade dos aeroportos de Florianópolis e Jaguaruna, em Santa Catarina, também foi ampliada.



PATRICIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC

Rua Barão do Gravataí ficou tomada por mobiliário danificado